

Artigo original

A variação pronominal *nós* e *a gente* na escrita escolar de estudantes do Ensino Médio

Pronominal variation between nós and a gente in high school students' writing

La variación pronominal entre nós y a gente en la escritura escolar de estudiantes de secundaria

Marden Alyson Matos de Araujo*  

Citação: ARAUJO, M. A. M. de.; Sobrenome, N.; (2026). A variação pronominal *nós* e *a gente* na escrita escolar de estudantes do Ensino Médio. *InterteXto*, 11, 01-21. <https://orcid.org/0000-0002-1290-7510>


Editor: Priscila Marques Toneli, Juliana Bertucci Barbosa

Recebido: 10 out. 2023
Aceito: 30 nov. 2025
Publicado: 30 dez. 2025



Texto sobre copyright.



1. Secretaria da Educação Básica do Ceará – SEDUC/CE , Fortaleza (CE), Brasil.

* Autor correspondente:
mardenalyson@gmail.com

Resumo: O presente estudo, fundamentado no arcabouço teórico-metodológico da Teoria da Variação e da Mudança Linguística, delineado por Weinreich, Labov e Herzog (1968) e por Labov (1997, 2001, 2003), objetiva analisar a variação pronominal de primeira pessoa do plural — *nós* e *a gente* — em redações escolares dos três anos do Ensino Médio de uma escola pública de Fortaleza–CE, bem como propor reflexões acerca da variação e de seu ensino. Para tanto, utilizou-se uma amostra composta por 360 textos, sendo 120 redações de alunos do 1º ano, 120 do 2º ano e 120 do 3º ano. Os informantes foram estratificados de acordo com sexo/gênero, faixa etária e série escolar. Com o auxílio do programa estatístico GoldVarb X, analisaram-se 1.265 ocorrências de *nós* e *a gente* nas produções escritas. Os resultados indicam que a variante *nós* é empregada com maior frequência do que a forma inovadora *a gente* (89,4% e 10,6%, respectivamente). Além disso, verificou-se que os fatores mais relevantes no condicionamento do uso das variantes padrão foram: grau de referencialidade do pronome (*sentido específico*), paralelismo discursivo (*pronome antecedido por nós*) e preenchimento do sujeito (*sujeito nulo*).

Palavras-chave: variação; pronomes *nós*/ *a gente*; escrita escolar; norma culta.

Abstract: This study, grounded in the theoretical and methodological framework of the Theory of Linguistic Variation and Change, as proposed by Weinreich, Labov and Herzog (1968) and further developed by Labov (1997, 2001, 2003), aims to analyze first-person plural pronominal variation — *nós* and *a gente* — in written compositions produced by high school students from a public school in Fortaleza, Ceará (Brazil). The corpus consists of 360 texts, including 120 essays written by 1st-year students, 120 by 2nd-year students and 120 by 3rd-year students. Informants were stratified according to sex/gender, age group and grade level. A total of 1,265 occurrences of *nós* and *a gente* were analyzed using the GoldVarb X statistical software. Results indicate that the canonical variant *nós* occurs more frequently than the innovative form *a gente* (89.4% and 10.6%,

respectively). The most significant conditioning factors for the use of the standard variant were: degree of pronominal referentiality (specific reference), discursive parallelism (pronoun preceded by *nós*) and subject expression (null subject).

Keywords: linguistic variation; first-person plural pronouns; *nós* and *a gente*; school writing; standard norm.

Resumen: El presente estudio, fundamentado en el marco teórico-metodológico de la Teoría de la Variación y del Cambio Lingüístico, delineado por Weinreich, Labov y Herzog (1968) y desarrollado posteriormente por Labov (1997, 2001, 2003), tiene como objetivo analizar la variación pronominal de primera persona del plural — *nós* y *a gente* — en producciones escritas de estudiantes de los tres cursos de la educación secundaria de una escuela pública de Fortaleza, Ceará (Brasil), así como proponer reflexiones acerca de la variación y su enseñanza. Para ello, se utilizó una muestra compuesta por 360 textos, siendo 120 redacciones de estudiantes de 1.º año, 120 de 2.º año y 120 de 3.º año. Los informantes fueron estratificados según sexo/género, grupo etario y grado escolar. Con el auxilio del programa estadístico GoldVarb X, se analizaron 1.265 ocurrencias de *nós* y *a gente* en las composiciones escolares. Los resultados indican que la variante canónica *nós* se emplea con mayor frecuencia que la forma innovadora *a gente* (89,4% y 10,6%, respectivamente). Asimismo, se constató que los factores más relevantes que condicionan el uso de la variante estándar fueron: el grado de referencialidad pronominal (sentido específico), el paralelismo discursivo (pronombre antecedido por *nós*) y la expresión del sujeto (sujeto nulo).

Palabras clave: variación lingüística; pronombres de primera persona del plural; *nós* y *a gente*; escritura escolar; norma estándar.

1. Introdução

A sociolinguística tem como objeto de estudo as conexões entre língua e sociedade e o modo como a fala e a escrita são influenciados e se manifestam em diferentes situações de comunicação. Em razão dessas conexões, muitos trabalhos no campo da sociolinguística variacionista são realizados no Brasil e em todo o mundo. Algumas dessas pesquisas trazem contribuições para o estudo da variação morfosintática, que engloba os pronomes e suas variantes. Nesses estudos, evidenciam-se os fatores capazes de condicionar as variações, sejam esses de natureza linguística ou social, na busca por explicitar os caminhos mais seguros para a identificação desses condicionantes.

No entanto, apesar da existência dos fenômenos variáveis já comprovada pelos estudos sociolinguísticos, as gramáticas normativas — desprezando as alterações sofridas no paradigma pronominal brasileiro — apresentam um quadro pronominal fixo e invariável que se limita apenas aos seguintes pronomes: *eu, tu, ele, nós, vós, eles* (Neves, 2000; Cegalla, 2005; Bechara, 2009; Perini, 2010). Todavia, muitos pesquisadores — Zilles (2005), Lopes (1993), Callou e Lopes (2003), Machado (1995), Fernandes (2004), Vianna (2006), Tavares (2014), Araujo (2016), Araujo (2025) entre outros —, em estudos acerca dos pronomes no português brasileiro, comprovam em suas pesquisas que, em consequência de várias mudanças ocorridas na língua, esse quadro já não mais corresponde à realidade. Dessa forma, de acordo com Souza e Botassina (2009), torna-se um problema existente a falta de reconhecimento da forma pronominal *a gente* para designar a primeira pessoa do plural em concorrência com o pronome *nós*. Ou seja, apenas a forma *nós* é reconhecida como pronome de primeira pessoa do plural (Bueno, 2003).

O objeto deste estudo consiste em analisar a frequência de uso das formas *nós* e *a gente* na escrita escolar de alunos do Ensino Médio e os fatores linguísticos e sociais que favorecem ou

desfavorecem o emprego dessas formas pronominais. Além disso, buscamos examinar a implementação da forma *a gente* na escrita escolar e trazer algumas reflexões sobre as normas e a variação da primeira pessoa do plural no ensino de língua portuguesa.

Para tanto, este estudo apoia-se nos pressupostos teórico-metodológicos da Teoria da Variação e da Mudança Linguística (WEINREICH; LABOV; HERZOG, [1968]2006), que busca analisar como a língua de uma comunidade de fala complexa sofre alterações e variações ao longo do tempo, bem como de que modo as variações podem gerar mudanças linguísticas. Além disso, recorreremos aos estudos de Lopes (1993, 2003), Junkes (2008), Brustolin (2009), Araujo (2016), Jacobina (2018) e Lima (2020), que demonstram que, na escrita, devido à pressão normativa, o pronome *nós* é mais utilizado do que a forma pronominal *a gente*, ao passo que, na língua falada, a forma pronominal *a gente* é mais frequente.

Para o tratamento dos dados e análise linguística, procedemos com rodadas estatísticas por meio do programa computacional Goldvarb X, com o objetivo de responder às seguintes questões que nortearam esta pesquisa: a inserção do pronome *a gente* no quadro pronominal do português brasileiro está se efetivando na escrita dos estudantes do Ensino Médio? Qual a frequência de uso dos pronomes *nós* e *a gente* na posição de sujeito, expresso ou elíptico, nas redações escolares dos alunos de ensino médio? Quais grupos de fatores linguísticos e sociais condicionam o uso de cada forma pronominal? Como a pressão normativa atua sobre a realização e a manutenção do pronome *nós* na escrita, uma vez que na fala há predomínio da forma inovadora *a gente*?

Diante das questões que buscamos responder a partir da análise dos dados, traçamos algumas hipóteses gerais que orientam este estudo. Assim como Brustolin (2009), partimos do pressuposto de que haverá maior frequência de uso da variante *nós*, uma vez que a escolarização e as normas de escrita atuam para coibir as inovações na língua. Além disso, a realização dos pronomes de primeira pessoa do plural é linguisticamente motivada: a) pelo preenchimento do sujeito, no sentido de que haverá maior ocorrência do pronome *nós* quando o sujeito não estiver preenchido e maior frequência de *a gente* quando o sujeito estiver preenchido; b) pelo grau de referencialidade do pronome, sendo o emprego em sentido específico favorecedor do uso de *nós* e, em sentido genérico, favorecedor da forma inovadora *a gente*.

Além disso, a variação entre *nós* e *a gente* é motivada socialmente: a) pelo sexo dos informantes, sendo as mulheres favorecedoras do uso do pronome *a gente*, conforme atesta Lopes (2003); b) pela idade dos informantes, sendo os alunos da faixa etária mais jovem (14 a 16 anos) mais favorecedores da forma *a gente* do que os alunos da faixa etária II (17 a 19 anos).

Dito isso, com o intuito de apresentar melhor organização, este trabalho está estruturado em quatro partes, além desta introdução. Na Seção 2, desenvolvemos reflexões acerca do conceito de norma e variação, com foco nos pronomes de primeira pessoa do plural. Em seguida, apresentamos o aparato teórico-metodológico que sustenta esta pesquisa: a Teoria da Variação e da Mudança Linguística. Na Seção 4, descrevemos os procedimentos metodológicos empregados na realização do estudo. Posteriormente, discutimos os resultados obtidos nas rodadas estatísticas realizadas por meio da ferramenta de análise. Por fim, apresentamos, de forma sintética, as considerações finais.

2. Variação, norma e ensino: os pronomes *nós* e *a gente*

Apesar de já contarmos com uma ampla quantidade de estudos variacionistas sobre o tema em questão, a maioria das gramáticas tradicionais, por não levar em conta a oralidade, não inclui a forma pronominal *a gente* na função de sujeito, fato que contribui para a consolidação do preconceito linguístico frente à variação, uma vez que apenas a forma *nós* é apresentada como pronome de primeira pessoa do plural (Bueno, 2003).

Essas definições tradicionalistas, que servem de base para os livros didáticos, implicam a criação de um distanciamento entre a norma escolar — que considera como correto apenas o que está previsto nas gramáticas normativas — e a norma padrão, presente no cotidiano por meio de jornais, revistas, livros, entre outros meios, nas modalidades oral e escrita. Tal distanciamento faz com que usos não contemplados pelas gramáticas tradicionais sejam avaliados como erro. Nesse sentido, a variante *a gente* é entendida, por muitas pessoas, como inadequada, tendo seu uso frequentemente associado à linguagem coloquial (Tamanine, 2002).

No Brasil, de acordo com Cagliari (1989), não há uma definição clara do que seria a língua padrão a ser falada, diferentemente do que ocorre na Inglaterra, por exemplo, onde há uma variedade reconhecida como “inglês da Rainha” (ou da BBC, ou ainda Received Pronunciation), utilizada por falantes de diferentes variantes linguísticas quando não desejam ser identificados regionalmente.

Para Bagno (1999), a linguagem utilizada pelos jornais no Brasil, por exemplo, contribui para certa uniformização da língua, uma vez que, embora se aproxime da norma padrão, precisa manter-se clara e objetiva, a fim de alcançar diferentes públicos, independentemente de idade, região ou condição socioeconômica. Entretanto, dada a ampla diversidade sociolinguística do país, há uma imensa possibilidade de variações e, como afirma o autor, “embora a língua falada pela maioria da população seja o português, esse português apresenta um alto grau de diversidade e de variabilidade” (Bagno, 1999, p. 99).

No que se refere ao português culto, segundo Ilari e Basso (2006), a essência da norma culta da língua portuguesa não se encontra no Brasil, mas em Portugal, que ainda exerce significativa influência sobre a maneira como se concebe e se utiliza a variedade de prestígio, o que contribui para tornar cada vez mais distante o português padrão do uso cotidiano. Além disso, conforme os autores, ainda que se reconheça a existência de uma norma-padrão, cada capital brasileira apresenta normas próprias, tanto no português escrito quanto no falado.

Assim, um dos problemas presentes no ensino de Língua Portuguesa é o não reconhecimento da forma pronominal de primeira pessoa *a gente*, mesmo diante de seu uso frequente na língua falada do português brasileiro, sendo reconhecida como padrão apenas a forma *nós*. Nos livros didáticos e nas gramáticas, *a gente* é frequentemente relegada a segundo plano, sendo mencionada apenas como expressão de valor coletivo — isto é, como substantivo — ou, ainda, quando se aborda a silepse de número, em capítulos destinados à concordância. No que diz respeito às seções dedicadas aos pronomes, os manuais, com raras exceções, não apresentam *a gente* como forma válida de expressão da primeira pessoa do plural.

Omena (1996) afirma que a forma *a gente* era originalmente um substantivo coletivo, ou um termo linguístico utilizado para se referir a um grupo de indivíduos, e que, em razão de sua frequência de uso, passou a ser empregada com o artigo *a*, adquirindo valor pronominal de primeira pessoa do discurso. Sendo assim, observa-se uma mudança tanto semântica quanto gramatical nessa forma. Segundo a autora:

Semanticamente, acrescenta-se ao significado, originalmente indeterminado, a referência à pessoa que fala, deitadamente determinada; gramaticalmente, a forma deixa de ser substantivo e passa a integrar o sistema de pronomes pessoais, conservando, porém, com o verbo da mesma relação sintática de terceira pessoa gramatical. (Omena, 1996, p.189).

Dessa forma, ao ser classificada como pronome, a forma *a gente* é considerada gramaticalizada, perdendo autonomia lexical e assumindo funções específicas no sistema linguístico da comunidade de fala, seja neutralizando a concordância, seja indeterminando o sujeito, conforme afirma Menon (1996),

seja ainda concorrendo com *nós*, caso em que estabelece concordância de gênero e número com o referente extralinguístico.

Os livros didáticos de Língua Portuguesa, bem como dicionários e gramáticas, tendem a retratar uma língua idealizada, concebida como perfeita, que não corresponde, em diversos aspectos, à realidade linguística das comunidades de fala. Entre esses aspectos, destaca-se a variação pronominal, em especial no que se refere aos pronomes pessoais de primeira pessoa do plural, *nós* e a gente. A variante *a gente*, por exemplo, não é tratada como uma forma válida a ser estudada em sala de aula (Tamanine, 2002), sendo reconhecido como “correto” apenas o pronome *nós*, sobretudo em textos escritos. Dessa maneira, o estudo desse fenômeno torna-se relevante para pesquisadores e professores que se dedicam ao ensino de Língua Portuguesa e às suas múltiplas variações e modalidades, uma vez que é fundamental que o aluno conheça as diferentes formas de realização linguística presentes no uso social da língua.

No que diz respeito às modalidades falada e escrita, observa-se que a realização de uma forma pronominal pode ser mais prestigiada do que outra, a depender de fatores como, por exemplo, a localidade, a idade, o grau de instrução. Entretanto, esse tipo de questão ainda é pouco explorada no ensino de língua materna. Dessa forma, diante da necessidade de aprofundamento nessa área, os estudos sociolinguísticos têm proposto a realização de um número cada vez maior de pesquisas, a fim de descrever e compreender o funcionamento linguístico de determinadas comunidades de fala.

Se pensarmos no contexto pedagógico, o espaço da sala de aula constitui um rico ambiente de ecologia linguística (Mufwene, 2004). Trata-se de um espaço composto por sujeitos diversos, cada qual com sua cultura, sua história de vida e suas formas de expressão linguística, que entram em contato e se reestruturam continuamente por meio das interações. No ensino de língua materna, a gramática trabalhada em sala de aula geralmente apresenta uma seção destinada às variedades linguísticas e, entre elas, por exemplo, destacam-se as variações diatópicas, ou seja, aquelas determinadas a partir das diferentes regiões do país.

O que se observa em diversos estudos descritivos acerca do comportamento da língua portuguesa no Brasil é a existência de um distanciamento significativo entre a prática pedagógica do ensino de língua materna e as orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), sobretudo no que se refere à abordagem da variação linguística. Nesse sentido, o seguinte excerto dos PCNs, publicados em 1998, mostra-se pertinente para a presente discussão:

A variação é constitutiva das línguas humanas, ocorrendo em todos os níveis. Ela sempre existiu e sempre existirá, independentemente de qualquer ação normativa. Assim, quando se fala em “Língua Portuguesa” está se falando de uma unidade que se constitui em muitas variedades. Embora no Brasil haja relativa unidade linguística e apenas uma língua nacional, notam-se diferenças de pronúncia, de emprego de palavras, de morfologia e de construções sintáticas, as quais não somente identificam os falantes de comunidades linguísticas em diferentes regiões, como ainda se multiplicam em uma mesma comunidade de fala. Não existem, portanto, variedades fixas: em um mesmo espaço social convivem mescladas diferentes variedades linguísticas, geralmente associadas a diferentes valores sociais. (BRASIL, 1998 p. 29).

Sendo assim, abre-se uma questão para a qual a Sociolinguística busca oferecer subsídios de discussão e que, igualmente, justifica este trabalho: se os próprios PCNs reconhecem a variação como inerente à língua, por que as escolas e os gramáticos insistem em pautar o ensino em uma língua padrão, concebida como fixa e não passível de variação? Tal questionamento, no que se refere ao preconceito linguístico associado ao uso das variantes, pretende ser enfrentado por meio dos estudos descritivos da língua.

Faraco (2004) afirma que haveria maior liberdade e conforto se, desde o início, o ensino de língua materna estivesse voltado para sua função social, e não para categorias, regras e classificações, como sugerem as gramáticas tradicionais e os livros didáticos, especialmente no que diz respeito à variação linguística e à produção textual nas escolas. No entanto, é delicada a postura adotada por alguns professores e manuais de escrita, que condicionam o aluno a escrever e, por vezes, até mesmo a falar de acordo com a norma padrão, descaracterizando formas de fala típicas de sua região e/ou de seu grupo social. Desse modo, a escola contemporânea nem sempre parece criar os meios necessários para que os alunos desenvolvam suas competências e habilidades, sobretudo no que se refere à compreensão da variação linguística, alimentando, assim, o preconceito, o estigma e a discriminação associados aos usos da língua. Nesse contexto, o presente trabalho aborda, sob perspectiva científica, o uso dos pronomes *nós* e *a gente*, com o intuito de promover reflexões acerca da variação da primeira pessoa do plural e de verificar a implementação do pronome *a gente* na escrita de estudantes do Ensino Médio, espaço que exerce significativa força normativa sobre seu uso.

Para o aluno, é fundamental conhecer a variedade dita “padrão”, uma vez que é ela que rege a produção de documentos e de textos formais. No entanto, não se pode desconsiderar as variações linguísticas, cabendo ao professor conscientizar o estudante acerca da necessidade de adequar a linguagem aos diferentes contextos sociais em que circula. Em outras palavras, há situações comunicativas que permitem — e nas quais é comum — o uso de variantes linguísticas em diversos níveis, como em uma conversa informal entre amigos; por outro lado, existem contextos que condicionam o falante a utilizar uma variedade mais próxima do padrão, como em uma entrevista de emprego, por exemplo. Nesse sentido, a escola exerce papel fundamental nessa mediação, conforme assevera Bortoni-Ricardo (2004):

A escola não pode ignorar as diferenças sociolinguísticas. Os professores e, por meio deles, os alunos têm que estar bem conscientes de que existem duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa. E mais, que essas formas alternativas servem a propósitos comunicativos distintos e são recebidas de maneira diferenciada pela sociedade. [...] O caminho para uma democracia é a distribuição justa de bens culturais, entre os quais a língua é o mais importante. (Bortoni-Ricardo, 2004, p.15)

Sendo assim, o presente trabalho justifica-se pela descrição de uma variação extremamente recorrente no português brasileiro contemporâneo, qual seja, a alternância entre *nós* e *a gente* em textos escolares de alunos do Ensino Médio. A pesquisa busca, desse modo, contribuir com a prática pedagógica de professores de língua materna, na medida em que possibilita reflexões acerca do ensino de gramática nas escolas, problematizando o preconceito linguístico em sala de aula no que se refere a esse fenômeno e oferecendo ao aluno subsídios para que a língua seja trabalhada em situações reais de interação.

3. Teoria da Variação e Mudança Linguística

Ao pensar o fenômeno linguístico em sua complexidade, Weinreich, Labov e Herzog (2006), bem como Labov (2008), reconhecem sua natureza essencialmente heterogênea. De maneira mais precisa, Weinreich, Labov e Herzog (2006, p. 97) afirmam que a língua comporta não apenas regras categóricas — que não admitem variação —, mas também, e em número certamente mais expressivo, as chamadas regras variáveis, com suas formas variantes, as quais “oferecem meios alternativos de dizer a ‘mesma coisa’: ou seja, para cada enunciado em A existe um enunciado em B que oferece a mesma informação referencial [...]”.

Além disso, os estudiosos postulam que a análise dos múltiplos fenômenos variáveis deve ser realizada com base na linguagem em uso, e não a partir de abstrações do sistema linguístico, como faziam os estruturalistas (Saussure, 2012) e os gerativistas (Chomsky, 1957) no século passado. De igual modo, as explicações para a existência de variantes linguísticas que coocorrem em um mesmo fenômeno de variação — como no caso de *nós* e *a gente*, por exemplo — devem ser buscadas não apenas nas regras internas da língua, enquanto sistema, mas também em fatores de ordem externa.

Esses e outros postulados constituem a base do pensamento sociolinguístico, surgido e consolidado a partir de meados da década de 1960. Atualmente, pode-se afirmar que a Sociolinguística figura como um dos campos mais frutíferos de abordagem do fenômeno linguístico no cenário dos estudos da linguagem. No que concerne à análise da variação entre *nós* e *a gente* à luz desses pressupostos, é possível recorrer, entre outras, às pesquisas de Omena (1996), Maia (2003) e Fernandes (2004).

Omena (1996) investigou a variação entre *nós* e *a gente* em uma amostra de fala extraída do Projeto Censo Linguístico do Rio de Janeiro. Em linhas gerais, foram analisados dados de 48 informantes, estratificados segundo sexo, faixa etária e nível de escolaridade. Com base no corpus selecionado, a autora examinou as variantes que desempenhavam a função de sujeito, uma vez que, segundo sua hipótese, é nessa função sintática que as formas pronominais ocorrem com maior frequência. Em um total de 976 ocorrências, 78% corresponderam à forma *a gente* e 22% ao pronome *nós*. Embora a pesquisa não apresente pesos relativos, Omena (1996) constatou que, na amostra analisada, os falantes mais jovens (87%) preferem utilizar *a gente*, em contraste com os mais velhos (13%). Além disso, verificou-se que os falantes com menor nível de escolaridade favorecem o uso de *nós* (64%), tendência também observada entre os homens (56%).

Maia (2003) investigou a alternância entre *nós* e *a gente* no falar de Belo Horizonte. Os informantes foram estratificados segundo faixa etária, grau de escolaridade e sexo. Além desses grupos de fatores externos, foram controlados fatores de natureza interna, a saber: realização fonológica da desinência de número e pessoa, tempo verbal, preenchimento do sujeito e referência. Ao todo, foram identificadas 672 ocorrências do fenômeno em análise, das quais 359 (53%) corresponderam à forma *a gente* e 313 (46%) à forma *nós*. Além disso, Maia (2003) constatou que, na amostra de seu estudo, apenas fatores sociais se mostraram estatisticamente pertinentes. De maneira mais específica, o autor verificou que as mulheres utilizam, com maior frequência, a forma *a gente* (68%), assim como os falantes com maior nível de escolaridade (57%). No que diz respeito à faixa etária, os mais jovens tendem a favorecer o uso da forma inovadora (69%).

Além dos trabalhos de Omena (1996) e Maia (2003), destaca-se também a pesquisa de Fernandes (2004), que investigou a variação entre *nós* e *a gente* no falar de João Pessoa, com base em uma amostra constituída por 60 informantes, extraídos do Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba (VALPB). Os falantes foram estratificados de acordo com faixa etária, grau de escolaridade e sexo. De modo geral, Fernandes (2004) observa que há um revezamento entre *nós* e *a gente*, embora esta última variante seja mais frequente do que a primeira. Além dos fatores sociais — faixa etária, escolaridade e sexo —, foram testadas variáveis intralinguísticas, tais como: função sintática, referência do pronome, tipo de discurso, estrutura verbal, posição do pronome e tempo verbal. Ao todo, a autora identificou 2.739 ocorrências das formas *nós* e *a gente*. Desse total, verificou que *a gente* corresponde a 79% dos dados, enquanto o pronome *nós* representa 21% das ocorrências analisadas. De igual modo, Fernandes (2004) constatou que favorecem o uso de *a gente* os seguintes grupos de fatores: faixa etária (falantes mais jovens, peso relativo 0,69), escolaridade (mais escolarizados, 0,51), referência do sujeito (referência específica, 0,70) e tempo verbal (pretérito imperfeito, 0,68).

Dentre os diversos achados das pesquisas comentadas — ainda que brevemente nesta seção —, destacamos que todas elas comprovam, por meio de dados empíricos — tal como propõe a Sociolinguística Variacionista —, a sistematicidade da variação entre *nós* e *a gente* em diferentes variedades de fala do Brasil. Esse aspecto é de suma importância para a compreensão da realidade sociolinguística da língua, pois permite evidenciar seu caráter simultaneamente heterogêneo e sistemático. Além disso, em razão desse caráter sistemático, observa-se que a alternância entre *nós* e *a gente* constitui um fenômeno influenciado tanto por fatores de ordem linguística — isto é, internos ao sistema — quanto por fatores de natureza extralinguística. Dentre os primeiros, destacam-se a referência do sujeito e o tempo verbal; já entre os segundos, sobressaem a escolaridade, a faixa etária e o sexo.

4. Metodologia

4.1 Nossa amostra

Propomo-nos, nesta pesquisa, a analisar a variação pronominal entre *nós* e *a gente* em produções escritas de alunos do Ensino Médio. Para tanto, utilizamos uma amostra composta por 360 redações, coletadas em uma escola de Ensino Médio em tempo integral da cidade de Fortaleza-CE, no ano de 2022. Desse total, 120 redações foram produzidas por alunos do 1º ano, 120 por estudantes do 2º ano e outras 120 por discentes do 3º ano.

Para a realização da coleta textual, solicitou-se que os alunos das três séries do Ensino Médio produzissem uma redação do tipo narrativa pessoal, uma vez que “os dados mais interessantes provêm de narrativas de experiências pessoais” (Coelho et al., 2015, p. 116). Ademais, com o intuito de criar um contexto favorável à realização da primeira pessoa do plural, orientou-se que os estudantes relatassem uma experiência marcante vivenciada na companhia de outra pessoa, como um amigo, um familiar ou um professor.

Ao todo, a proposta de produção textual foi aplicada em 12 turmas do Ensino Médio de uma escola situada na cidade de Fortaleza-CE, resultando na produção de 431 textos. No entanto, para que a amostra se mantivesse homogênea, selecionaram-se 30 redações de cada turma, sendo 15 de informantes do sexo masculino e 15 do sexo feminino, totalizando 360 produções escritas.

A estratificação social da amostra foi realizada com base nas seguintes variáveis: sexo/gênero (masculino e feminino), série escolar (A – 1º ano; B – 2º ano; C – 3º ano) e faixa etária (I – 14 a 16 anos; II – 17 a 19 anos).

4.2 Variáveis

4.2.1 Variável dependente

Para esta pesquisa, definiu-se como variável dependente a realização da primeira pessoa do plural, configurando-se como uma variável binária, isto é, composta por duas variantes: *nós* e *a gente*, na função de sujeito. O objetivo é verificar quais condicionamentos atuam sobre o uso da forma *nós*, tal como realizado em estudos anteriores (Junkes, 2008; Brustolin, 2010; Araujo, 2016; Jacobina, 2018; Lima, 2020). Por se tratar de textos escritos — modalidade que sofre forte pressão normativa —, estabeleceu-se como regra de aplicação o pronome *nós*.

4.2.2 Variáveis independentes: Linguísticas

Os estudos variacionistas costumam denominar de variáveis independentes os grupos de fatores — sociais e linguísticos — que atuam sobre a realização de determinado fenômeno variável, favorecendo ou desfavorecendo uma ou outra variante. Em outras palavras, tratam-se de fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionam ou até mesmo inibem o uso de determinada forma em

variação (Mollica, 2004). Dessa forma, no que se refere às variáveis de ordem linguística, decidiu-se observar os seguintes grupos de fatores:

a. Preenchimento do sujeito

Na Língua Portuguesa falada no Brasil, conforme apontam alguns autores, a saber, Duarte (1995) e Brustolin (2009), observa-se uma tendência cada vez mais marcada ao preenchimento do sujeito. Nesse sentido, o objetivo de controlar essa variável é verificar se o mesmo comportamento se reproduz na escrita formal de alunos do Ensino Médio de uma escola de Fortaleza-CE. Assim, considera-se sujeito preenchido aquele que se realiza foneticamente, por meio da presença explícita dos pronomes de primeira pessoa do plural (*nós* e *a gente*). Por outro lado, entende-se como sujeito nulo aquele não expresso foneticamente, sendo identificado apenas pela desinência verbal — *-mos* para *nós* e *Ø* para *a gente* —, conforme procedimentos adotados por Lopes (1999), Omena (2003), Brustolin (2009) e Vitória (2015). Tem-se, portanto, um grupo composto por dois fatores:

I) Sujeito Preenchido

- (01) No último dia de férias, *nós* alugamos uma bola na praia de Iracema para brincar de vôlei, foi incrível (Inf. feminino, 17 anos, 3º ano EM)
- (02) As vezes *a gente* tenta ser um bom estudante, mas a vida é bem difícil (Inf. Feminino, 15 anos, 1º ano EM)

II) Sujeito nulo

- (03) E desde então nunca mais *entramos* naquela mata (Inf. Feminino, 17 anos, 2º ano EM)
- (04) A gente sempre pensa que o cacau é preto pq *olha* chocolate daquela cor (Inf. Masculino, 16 anos, 1º ano EM)

b. Grau de referencialidade do pronome *nós/a gente*

O grau de referencialidade dos pronomes de primeira pessoa do plural tem sido considerado uma variável relevante em diversas pesquisas (Omena, 1996; Lopes, 2003; Araujo, 2016). Para Silva (2004), o uso dessas formas pronominais pode constituir uma estratégia mobilizada pelos falantes de uma comunidade de fala para ressignificar o grau de referência em diferentes situações comunicativas, evidenciando a importância dessa variável no condicionamento de seu emprego.

Dessa forma, parte-se do pressuposto de que tal variável atua diretamente sobre a realização da primeira pessoa do plural e, por essa razão, decidiu-se controlá-la neste estudo, a fim de verificar sua influência sobre a realização das variantes.

I) Referência genérica

- (05) ...a arte pode mudar a vida, *nós* respiramos e inspiramos a Arte sem ela não somos nada (Inf. Masculino, 18 anos, 3º ano EM)
- (06) *a gente* sempre pensa que tudo pode piorar, mas é só ter pensamento positivo (Inf. Feminino, 15 anos, 1º ano EM)

II) Referência Específica

- (07) Então *nós* chegamos no Iguatemi e esperamos uns 10 minutos as outras meninas (Inf. Feminino, 16 anos, 2º ano EM)
- (08) *A gente* terminou a aula e seguiu pra casa num rabo de foguete grande (Inf. Masculino, 17 anos 2º ano EM)

c. Paralelismo Discursivo

Vários autores, em seus estudos, consideraram a variável paralelismo discursivo como um fator linguístico de grande relevância para os estudos relacionados à variação dos pronomes de primeira pessoa do plural. Essa variável designa a manutenção de determinada forma pronominal, representando o mesmo referente, ou a mudança do pronome mantendo a mesma referência semântica nas estruturas linguísticas. Ou seja, com esse grupo de fatores, buscamos verificar a manutenção ou a mudança, pelo informante, da forma pronominal em uso. Dentre as pesquisas que controlaram essa variável, podemos destacar: Lopes (1993), Machado (1995), Tamanine (2002), Borges (2004), Mendonça (2010), Nascimento (2013), Souza (2020) e Fernandes (2021). Portanto, tendo por base as pesquisas citadas, decidimos controlar o paralelismo discursivo em nossa amostra. Abaixo, ilustramos cada fator controlado nesta variável com ocorrências retiradas das redações que compõem nossa amostra:

I) Oração Isolada

(09) Depois disso a gente foi ver o novo filme do Batman lá em cima chamada de cadeiras namoradeiras (Inf. Masculino, 17 anos, 2º ano EM)

II) Primeira referência

(10) Nós aproveitamos que a areinha que fica próximo a nossa casa abre aos domingos pela noite e fomos jogar (Inf. Masculino, 18 anos, 3º ano EM)

III) Referência anterior feita por nós

(11) Quando nós chegamos lá mostrei a ela a execução correta dos fundamentos do vôlei e começamos a jogar (Inf. Feminino, 17 anos, 3º ano EM)

IV) Referência anterior feita por a gente

(12) A gente estava voltando de um rolê aí ficamos só nós 2 no ônibus foi aí que eu dei um último beijo nela (Inf. Feminino, 17 anos 2º ano EM)

4.2.3 Variáveis independentes: Extralinguísticas

As variáveis extralinguísticas consideram os aspectos socioculturais e estilísticos que envolvem o indivíduo e que podem influenciar a realização de determinado fenômeno variável. Nesse sentido, foram controlados os seguintes fatores: sexo/gênero, faixa etária e ano escolar, conforme detalhado a seguir:

a. Sexo/ gênero

A variável sexo/gênero mostra-se relevante nas pesquisas sobre a variação pronominal entre *nós* e *a gente*, na medida em que diversos estudos apontam que as mulheres tendem a utilizar com maior frequência as formas consideradas gramaticalmente prestigiadas, enquanto os homens favorecem o uso da forma inovadora, conforme evidenciam Omena (1979, 1986, 1996), Albán e Freitas (1991, 1991a, 1991b), Almeida (1992), Lopes (1993, 1998), Duarte (1995), Menon (1994, 1995, 2003) e Tamanine (2002, 2010), entre outros.

Para Labov (2003), homens e mulheres apresentam comportamentos sociolinguísticos distintos, sendo que as mulheres demonstram maior sensibilidade às pressões sociais relacionadas ao uso linguístico e, por essa razão, tendem a optar por variantes socialmente prestigiadas. Em estudo clássico realizado em lojas de departamento de Nova Iorque, Labov (1972) concluiu que as mulheres utilizam com maior frequência variantes de prestígio e respondem de maneira mais acentuada a testes de reação subjetiva, mostrando-se mais propensas do que os homens a estigmatizar variantes não

padrão. Assim, a atuação global das mulheres ajusta-se ao princípio sociolinguístico proposto por Labov (2003), segundo o qual falantes que utilizam mais formas não padrão em discurso casual tendem a ser também mais sensíveis a essas formas no discurso alheio. Dessa forma, essa variável foi observados os seguintes fatores:

- I) Masculino
- II) Feminino

b. Faixa-etária:

A variável faixa etária é de fundamental importância para a observação do comportamento linguístico dos falantes e para a verificação de questões como a possibilidade de o fenômeno aqui investigado configurar-se como variação estável ou apresentar indícios de mudança em curso, no sentido de a forma inovadora *a gente* estar substituindo o pronome *nós*.

Parte-se do pressuposto de que diferentes faixas etárias apresentam comportamentos linguísticos distintos, uma vez que, de modo geral, os falantes mais jovens tendem a adotar usos mais inovadores, o que se reflete em suas práticas linguísticas. Por outro lado, falantes mais velhos tendem a empregar com maior frequência formas associadas ao padrão, fenômeno frequentemente relacionado a pressões sociais, como a inserção no mercado de trabalho, por exemplo. Estudos como os de Omena (1986) e Lopes (1993) apontam para um processo de substituição de *nós* por *a gente* em todas as faixas etárias, embora esse movimento se manifeste de maneira mais expressiva entre os mais jovens.

Dessa forma, neste trabalho, propôs-se uma análise comparativa entre diferentes faixas etárias, a exemplo do que realizaram Omena (2003), Lopes (2003) e Nascimento (2013), no que se refere ao uso de *nós* e *a gente* em perspectiva de tempo real de curta duração, tendo em vista que o banco de dados analisado oferece condições metodológicas para esse tipo de investigação.

Assim, foram controladas as seguintes faixas etárias:

- I) 14 a 16 anos
- II) 17 a 19 anos

c. Sério de Estudo

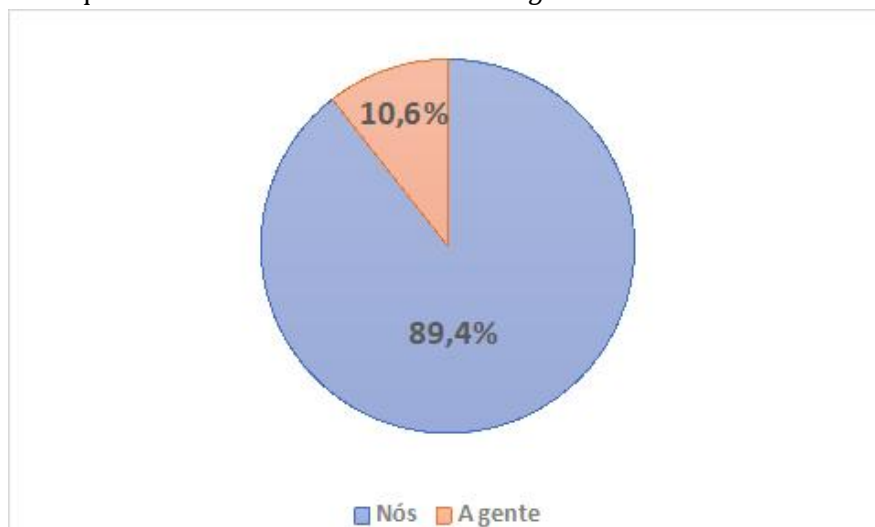
Em diversos estudos, como os de Albán e Freitas (1991, 1991a, 1991b), Lopes (1993, 1998), Menon (1994, 1995, 2003), Tamanine (2002, 2010) e Tavares (2014), a escolaridade tem se mostrado um fator relevante para a variação entre *nós* e *a gente*.

No presente trabalho, entretanto, optou-se por controlar esse grupo de fatores de maneira distinta, operacionalizando-o a partir da variável denominada série escolar, em razão das especificidades do corpus analisado. Assim, essa variável foi composta por três fatores:

- I) 1º ano do Ensino Médio.
- II) 2º ano do Ensino Médio.
- III) 3º ano do Ensino Médio.

5. Descrição dos dados e análise dos resultados

Após a submissão dos dados escritos provenientes das 360 redações que compõem a amostra ao programa estatístico GoldVarb X, identificaram-se 1.265 ocorrências de realização da primeira pessoa do plural nas produções de alunos do Ensino Médio de uma escola da capital cearense. Desse total, 1.131 ocorrências correspondem ao pronome canônico *nós* (89,4%), enquanto apenas 134 registros dizem respeito à forma *a gente* (10,6%). O gráfico a seguir sintetiza esses resultados:

Gráfico 1: Frequência de uso das variantes *nós* e *a gente* em nossa amostra

Fonte: Elaboração Própria

Conforme se observa, os resultados do Gráfico 1 revelam que, de modo geral, na amostra representativa da escrita escolar de alunos do ensino médio, a variante considerada padrão é expressivamente mais utilizada entre os informantes, ao passo que a variante inovadora apresenta menor frequência de uso. Esse resultado inicial confirma nossa hipótese acerca do comportamento das formas variantes de primeira pessoa do plural, pois esperávamos que o pronome *nós* fosse utilizado com maior frequência que o pronome *a gente*, devido à forte pressão normativa exercida sobre a escrita, assim como se verifica em diversos estudos sobre o tema (Lopes, 1999; Omena, 2002; Brustolin, 2011; Vitório, 2015).

Com isso, tendo apresentado os percentuais obtidos a partir da primeira análise realizada pelo GoldVarb X, passamos à apresentação e à discussão dos fatores selecionados, em ordem de significância, como estatisticamente relevantes para a variação *nós* / *a gente* em nossa amostra de escrita escolar. Dessa forma, à medida que formos expondo os resultados, em tabelas e gráficos, discutiremos os dados à luz da Teoria da Variação e da Mudança Linguística, bem como com base na literatura consultada sobre o fenômeno

4.1 Atuação dos fatores linguísticos e sociais sobre o pronome *nós*

Com o auxílio da ferramenta estatística GoldVarb X, submetemos 1.265 dados de escrita escolar a uma análise multivariada, a fim de identificar os grupos de fatores que condicionam a realização das formas pronominais *nós* e *a gente*. Utilizamos como regra de aplicação a variante *nós*, pois, na amostra analisada, essa variante apresenta maior frequência de ocorrências. Dessa forma, todas as rodadas realizadas pelo programa tiveram como regra de aplicação o pronome padrão.

Após realizar a análise dos dados, obtivemos como melhor rodada a run #19, de Input 0.994 e Significance = 0.002. O programa estatístico selecionou como significativos para a variação das variantes aqui analisadas os seguintes grupos de fatores, em ordem de relevância: grau de referencialidade do pronome, paralelismo formal e preenchimento do pronome. Além disso, o programa computacional descartou cinco variáveis da análise: *faixa etária*, *sexo/gênero* e *ano de escolaridade*.

Como todos os grupos de fatores sociais foram eliminados na rodada estatística, não foi possível testar nossas hipóteses relativas às variáveis extralinguísticas. Os resultados obtidos nas

análises estatísticas serão apresentados em forma de tabelas e gráficos, acompanhados das respectivas discussões.

a. Grau de Referencialidade do Pronome

Uma variável que desempenha papel importante nos estudos de cunho variacionista é o grau de referencialidade do pronome. Esse grupo de fatores já foi exaustivamente controlado em diversos estudos sobre a variação pronominal nós e a gente, como demonstram as pesquisas de Machado (1995), Tamanine (2002, 2010), Francischini (2011), Araujo (2016), Mendes (2019) e Souza (2020), entre outros. Os resultados referentes a essa variável podem ser observados na tabela a seguir.

Tabela 8: Atuação do grau de referencialidade sobre o pronome *a gente*

Fator	Frequência/Total	%	Peso Relativo
Referente genérico	73/121	60.3%	0.194
Referente específico	1011/1144	88.3%	0.753

Fonte: Elaboração Própria

Mendonça e Nascimento (2015), ao investigarem as estratégias de indeterminação do sujeito no português brasileiro, observaram que o pronome *a gente*, para além de sua referência à primeira pessoa do plural, pode também ser mobilizado pelo falante como recurso de indeterminação, promovendo leituras de caráter genérico e generalizante.

Nessa mesma direção, Lopes (2003) demonstra que o percurso de gramaticalização de *a gente* se inicia no substantivo lexical *gente*, de valor coletivo e genérico, passando por estágios intermediários em que a forma assume estatuto pronominal indefinido, até consolidar-se como pronome pessoal de primeira pessoa do plural. Tal trajetória evidencia um processo de mudança categorial acompanhado de reanálise semântico-referencial (Lopes, 2003).

Diante desse quadro, formulamos a hipótese de que o pronome inovador *a gente* seria favorecido em contextos de referência mais genérica e indeterminada, à luz do princípio da persistência, segundo o qual, em itens submetidos a processos de gramaticalização, “alguns traços do significado lexical original de um item tendem a aderir à nova forma gramatical...” (Hopper, 1991, p. 124).

O princípio da persistência remete à manutenção de traços semânticos intrínsecos que a forma gramaticalizada herda e preserva da forma lexical de origem. Essa preservação é particularmente notória nas fases iniciais e intermediárias do processo de gramaticalização, podendo enfraquecer ou mesmo desaparecer à medida que o processo se torna mais avançado. É importante ressaltar que tais resquícios semânticos podem explicar determinadas restrições de uso a que a forma gramaticalizada a gente está sujeita, conforme discutem Omena e Braga (1996):

No caso do uso de *a gente* a persistência do traço indeterminador provoca certas restrições em seu uso. Enquanto o pronome *nós* admite ser modificado por quantificadores, numerais, especificadores enfim, o mesmo não se dá com a forma *a gente*. *Todo, cada um, nenhum* podem modificar *nós*; mas não *a gente*. (Omena & Braga, 1996. p. 80).

A pronominalização de gente para a gente exemplifica de forma bastante clara o princípio da persistência. A forma a gente, ao se pronominalizar, não perdeu todas as propriedades formais do

substantivo gente, tampouco adquiriu plenamente as propriedades dos pronomes pessoais. Assim, o pronome a gente preserva, de sua forma original, o traço formal de terceira pessoa, acionando, contudo, uma interpretação semântico-referencial de primeira pessoa do plural. Além disso, a forma mantém o caráter coletivo e o valor indeterminador típicos do substantivo gente.

Diante desse quadro teórico, o resultado exposto na Tabela 1 confirma a hipótese formulada para essa variável. Como se observa, o emprego do pronome nós em sentido genérico, embora apresente frequência de uso superior a 50%, mostra-se estatisticamente desfavorecido, conforme demonstra o peso relativo obtido a partir da ferramenta GoldVarb X (0,194). Isso significa que, quando empregado com valor geral, o pronome com maior probabilidade de ocorrência é a forma inovadora a gente, que, para esse fator, apresenta peso relativo de 0.806, confirmando o que foi discutido nesta seção.

No que se refere ao uso do pronome em sentido específico, como previsto em nossa hipótese, a forma favorecida é o pronome canônico nós, com alta frequência de uso (88,3%) e elevado peso relativo (0,753). Cabe ponderar, contudo, que diversas pesquisas atestam que esse traço intrínseco de indeterminação associado ao pronome a gente encontra-se em processo de mudança, uma vez que a forma vem sendo cada vez mais empregada em contextos de referência específica (Omena, 2003; Tamanine, 2010; Araujo, 2016, entre outros).

b. Paralelismo discursivo

Amplamente testada em estudos sociolinguísticos sobre a variação pronominal nós e a gente (Lopes, 1993; Machado, 1995; Tamanine, 2002; Borges, 2004; Brustolin, 2009; Fernandes, 2021), a variável paralelismo discursivo foi a segunda variável selecionada como estatisticamente relevante na análise. Os resultados referentes a esse grupo de fatores estão apresentados na Tabela 2:

Tabela 2: Atuação do paralelismo discursivo sobre o pronome nós

Fator	Frequência/Total	%	Peso Relativo
Realização isolada	215/253	85%	0.211
Primeira da Série	324/374	86.6%	0.347
Antecedido por nós	559/588	95.1%	0.753
Antecedido por a gente	33/50	66%	0.158

Fonte: Elaboração Própria

Para Scherre e Naro (1993), o princípio do paralelismo discursivo estabelece que os falantes tendem a repetir suas escolhas linguísticas ao longo de uma sequência discursiva, no sentido de que “marcas levam a marcas, e zeros levam a zeros” (1993, p. 3). Ou seja, nessa perspectiva, a presença do pronome nós em uma cadeia discursiva favorece o emprego da mesma forma pronominal em ocorrências subsequentes dentro da mesma sequência, pois “marcas explícitas e de mesma natureza favorecem as mesmas marcas no sentido de ocorrerem paralelamente” (Pacheco, 2014, p. 207).

Os dados da Tabela 2 revelam que o pronome canônico nós é fortemente favorecido quando o pronome antecedente também é nós, apresentando alto peso relativo e elevada frequência de uso (0,753 e 96,1%, respectivamente). No entanto, quando o pronome anterior é a forma inovadora a gente, o uso da variante padrão mostra-se desfavorecido, com peso relativo de 0,158, o que indica vantagem probabilística da forma inovadora nesses contextos, confirmando a proposição de Scherre e Naro (1993).

Além disso, quando empregado como primeira realização da série ou como ocorrência isolada, o pronome canônico nós também se mostra desfavorecido em relação à forma a gente nas redações

escolares analisadas. Em realizações isoladas, a probabilidade de uso de nós é menor, conforme demonstra o peso relativo de 0,211, embora apresente alta frequência de uso (85% das ocorrências). Já quando figura como primeira realização da série, o peso relativo de 0,347 também aponta para baixa probabilidade de emprego da forma padrão, ainda que a frequência observada indique preferência por nós (86,6%).

Cabe ponderar, contudo, que as altas frequências de uso do pronome nós não refletem, por si sós, sua probabilidade estatística de realização, pois essa configuração decorre de uma característica da amostra analisada — a escrita escolar, por sofrer maior pressão normativa. Por isso, torna-se fundamental observar os pesos relativos associados à atuação de cada grupo de fatores, uma vez que tais valores controlam os diferentes contextos multivariados que incidem sobre a realização das formas pronominais em análise.

c. Preenchimento do sujeito

Diversas pesquisas no âmbito da Sociolinguística Variacionista apontam a importância dessa variável para a realização dos pronomes nós e a gente. Dentre elas, destacam-se, na língua falada, os estudos de Fernandes (2004) e Araújo (2016), e, na língua escrita, os trabalhos de Lopes (1999) e Vitória (2015). Neste estudo, o preenchimento do sujeito foi a terceira variável selecionada como relevante para a realização das formas de primeira pessoa do plural. O resultado pode ser observado na Tabela 3:

Tabela 3- Atuação preenchimento do sujeito sobre o pronome nós

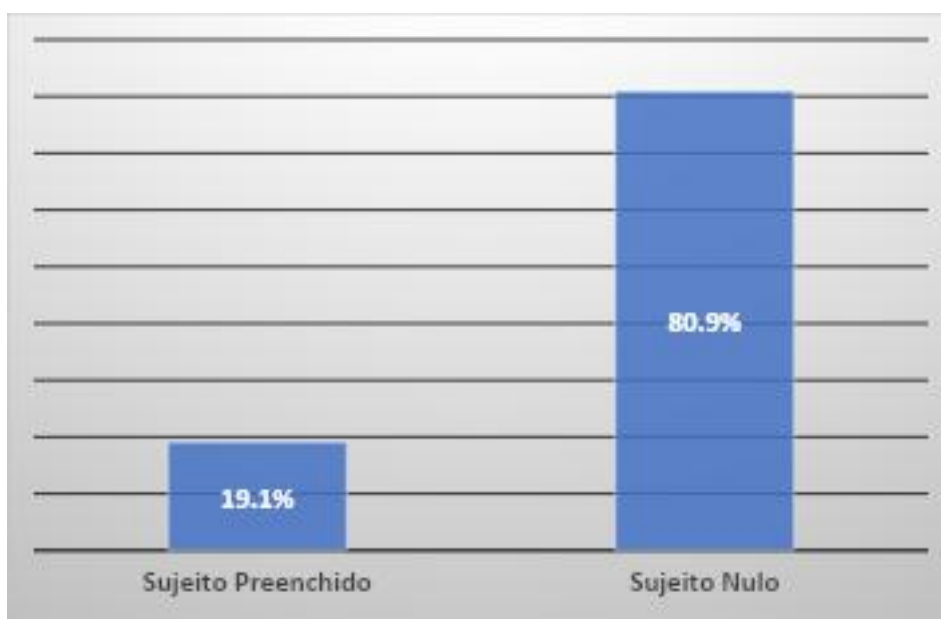
Fator	Frequência/Total	%	Peso Relativo
Sujeito Preenchido	118/241	49%	0.210
Sujeito Nulo	1013/1024	98.9%	0.777

Fonte: Elaboração Própria

Para Costa (2003), o português brasileiro configura-se como uma língua de sujeito essencialmente nulo; contudo, a presença do sujeito preenchido tem se tornado cada vez mais uma característica do português contemporâneo. Nas redações escolares, no entanto, partimos da hipótese de que os pronomes, de modo geral, realizar-se-iam preferencialmente na forma nula, uma vez que o contexto de produção escrita tenderia a favorecer esse tipo de realização.

Confirmando nossa hipótese, a Tabela 3 demonstra que a grande maioria das ocorrências de pronomes de primeira pessoa do plural nas redações analisadas corresponde a sujeitos nulos. Para uma visualização mais didática dos dados, o gráfico a seguir apresenta o percentual de realizações de sujeitos nulos e preenchidos.

Gráfico 2: Frequência de uso sujeito preenchido x sujeito nulo



Fonte: Elaboração Própria

Como demonstram as informações apresentadas no gráfico, 80,9% das ocorrências dos pronomes nós e a gente correspondem a sujeitos nulos, isto é, não realizados foneticamente, ao passo que apenas 19,1% das ocorrências dizem respeito a sujeitos preenchidos, o que reafirma a hipótese inicialmente levantada.

Além disso, os dados da Tabela 3 demonstram, conforme previsto, que o sujeito nulo constitui forte aliado do pronome padrão nós nos textos escritos por alunos do ensino médio, apresentando frequência de uso quase categórica (98,9%) e peso relativo de 0,777. No que se refere ao sujeito preenchido, esse fator tende a inibir a aplicação da regra; isto é, em contextos de sujeito expresso, a forma inovadora a gente é favorecida, com peso relativo de 0,210 para a realização de nós.

Brustolin (2009), ao analisar a variação entre nós e a gente na fala e na escrita de alunos do ensino fundamental, encontrou resultados semelhantes aos verificados neste estudo. De acordo com o autor, a forma inovadora é favorecida quando o sujeito é preenchido, ao passo que o pronome padrão nós é favorecido em contextos de sujeito nulo.

5. Considerações finais

Pautado no arcabouço teórico-metodológico da Teoria Variacionista, desenvolvido por Weinreich, Labov e Herzog (2006) e por Labov (2008), o presente trabalho abordou o uso intercambiável dos pronomes pessoais de primeira pessoa do plural na função de sujeito na escrita escolar de alunos do ensino médio de uma escola da cidade de Fortaleza-CE, tendo por objetivo avaliar o uso dessas formas pronominais, bem como os fatores sociais e linguísticos que condicionam sua realização.

De modo geral, identificamos alta frequência de uso do pronome padrão nós, que apresentou 89,4% das ocorrências, ao passo que o pronome a gente exibiu comportamento mais discreto, sendo expresso em 10,6% dos dados coletados, o que demonstra forte pressão exercida pela gramática normativa e pelo ambiente escolar em favor da forma padrão. A análise multivariada revelou que o uso de nós é fortemente condicionado pelas variáveis Grau de referencialidade (referência precisa), Paralelismo discursivo (antecedente realizado por nós) e Preenchimento do sujeito (sujeito nulo).

Em contrapartida, a variante inovadora a gente também se mostrou favorecida em determinados contextos linguísticos. No que se refere ao Grau de referencialidade, a forma é favorecida quando o pronome é empregado em sentido genérico, confirmando a proposição de Lopes (2003). Já no que diz respeito ao preenchimento do sujeito, a variante não padrão mostrou-se favorecida em contextos de sujeito expresso, conforme já apontaram estudos anteriores (Brustolin, 2009; Vitorio, 2015).

Um dado relevante evidenciado pelas análises quantitativas realizadas por meio da ferramenta estatística GoldVarb X é que, embora o pronome a gente não figure nas gramáticas normativas como forma canônica de primeira pessoa do plural, ele se faz presente nas redações escolares, competindo com a forma nós. Em geral, espera-se que o texto escolar se aproxime ao máximo do padrão linguístico. Nesse sentido, os resultados sugerem que a forma a gente não carrega estigma social significativo, ao menos no contexto investigado, diferentemente do que ocorre com outros fenômenos linguísticos, como certas realizações de concordância verbal de primeira pessoa do plural.

Por fim, ressalta-se a necessidade de ampliação dos estudos sobre o fenômeno, de modo a possibilitar a comparação entre diferentes amostras e contextos de uso, bem como a observação da atuação dos pronomes nós e a gente em recortes mais específicos, como investigações em tempo real da mudança linguística. Espera-se, assim, que pesquisas futuras possam complementar e aprofundar os resultados aqui apresentados.

Referências

- ALBÁN, M. del R.; FREITAS, J. Eu, você et alia em três diálogos. **Estudos Linguísticos e Literários**. N. 11. Salvador: UFBA – Instituto de Letras, 1991. p. 25-38.
- ALBÁN, M. del R.; FREITAS, J. Nós ou A gente? **Estudos Linguísticos e Literários**. nº 5, Salvador, UFBA. Agosto, 1991. p. 75-89.
- ALBÁN, Maria Del Rosário Suárez. et alii. Uma sondagem na norma culta brasileira. In: **Estudos linguísticos e literários**. nº 5, Salvador, UFBA. Agosto, 1991. p. 103-116.
- ARAÚJO, Marden Alyson Matos de. **Será que a gente usa mais o nós?** Uma fotografia sociolinguística do falar popular de Fortaleza. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2016.
- BAGNO, M. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BORGES, P. R. **A gramaticalização de a gente no português brasileiro**: análise histórico-social linguística da fala das comunidades gaúchas de Jaguarão e Pelotas. Tese de doutorado. UFRS: Porto Alegre, 2004.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna**: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Ciências Naturais. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRUSTOLIN, Ana Kelly Borba da Silva. **Itinerário do uso e variação de nós e a gente em textos escritos e orais de alunos do Ensino Fundamental da Rede Pública de Florianópolis**. 2009. 232 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

Brustolin, Ana. **Itinerário do uso e variação de nós e a gente em textos escritos e orais de alunos do Ensino Fundamental da Rede Pública de Florianópolis**. Revista Diadorim, 2011.

BUENO, E. S. da S. **Nós, a gente e o bóia fria: uma abordagem sociolinguística**. São Paulo: Arte e Ciência, 2003.

CAGLIARI, L. C. **Alfabetização e lingüística**. São Paulo: Editora Scipione, 1989.

CALLOU, Dinah; LOPES, Célia. Contribuições da Sociolinguística para o ensino e a pesquisa: a questão da variação e mudança lingüística. Revista do Gelne – Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste. Ano 5, N^{os}. 1 e 2 – Fortaleza: UFC/GELNE, 2003.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima Gramática Da Língua Portuguesa**. 46^o ed., São Paulo: Companhia Ed. Nacional, 2005

CHOMSKY, Noam. Syntactic Structures. The Hague: Mouton, 1957.

COELHO, Izete Lehmkuhl; SOUZA, Christiane Maria N. de; GÖRSKI, Edair Maria; MAY, Guilherme Henrique. **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.

FERNANDES, Eliene. Fenômeno variável: nós e a gente. In: HORA, Dermeval (org.). **Estudos sociolinguísticos: perfil de uma comunidade**. Santa Maria: Pallotti, 2004. p. 149-156.

FRANCESCHINI, Lucelene. **Variação pronominal nós/a gente e tu/você em Concórdia-SC**. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.

GUY, Gregory Riordan; ZILLES, Ana Maria Stahl. **Sociolinguística Quantitativa: instrumental de análise**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HOPPER, P. J. On some principles of grammaticalization. In: TRAUGOTT, E.; HEINE, B. (eds.) **Approaches to Grammaticalization**. Amsterdam: J. Benjamins. v. 1, p. 17- 35, 1991.

HOPPER, P. J.; TRAUGOTT, E. C. **Grammaticalization**. Cambridge University Press, 1993.

ILARI, R. e BASSO R. **O Português da gente: a língua que estudamos, a língua que falamos**. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2006.

JACOBINA, Carlândia Irinete Pereira. **O uso do nós e a gente no contexto universitário**. Trabalho de conclusão de curso, Universidade de Brasília - Instituto de Letras. Brasília, 2018.

JUNKES, Márcia Maria. **Os pronomes nós e a gente em livros didáticos de língua portuguesa**. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Linguística. Santa Catarina, 2008

LABOV, Willian. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução de M. Bagno, Maria M. P. Scherre, Caroline R. Cardoso. São Paulo: Editora Parábola Editorial, 2008 [1972].

LIMA, Matheus Soares de. **Nós vs a gente na escola: análise da fala e da escrita de estudantes do município de Rio Grande**. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Federal do Rio Grande - Instituto de Letras. Programa de Pós-graduação em Letras. Rio Grande, 2020.

LOPES, Célia Regina dos Santos. **"Nós" e "a gente" no português falado culto do Brasil**. Rio de Janeiro. 1993. 82f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1993.

LOPES, Célia Regina dos Santos. **A inserção de 'a gente' no quadro pronominal do português**. Frankfurt am Main/Madrid: Vervuert/Iberoamericana, 2003, v.18. 174 f. Disponível em: <<https://laborhistorico.letras.ufrj.br/producao/Lopestese.pdf>> . Acesso em: 21 maio 2021.

MACHADO, Márcia dos Santos. **Sujeitos pronominais "nós" e "a gente": variação em dialetos populares do norte fluminense**. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1995.

MAIA, F. P. S. M. **A variação nós e a gente no quadro pronominal do português: percurso histórico**. Tese de doutorado em Letras. Faculdade de letras, UFM, Rio de Janeiro, 2003. 234p.

MENDES, Rute Paranhos Silva. **O perfil da alternância do sujeito nós e a gente em Santo Antônio de Jesus: um recorte do português popular no interior da Bahia**. 2007. 140 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal da Bahia, 2007.

MENDONÇA, A. K. **Nós e a gente em Vitória: análise sociolinguística da fala capixaba**. 2010. 135 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2010.

Mendonça, Josilene de Jesus; Nascimento, Jaqueline dos Santos; "Estratégias de indeterminação do sujeito: polidez e relações de gênero", p. 225-238 . In: Freitag, Raquel Meister Ko.; Severo, Cristine Gorski Orgs. **Mulheres, Linguagem e Poder** - Estudos de Gênero na Sociolinguística Brasileira. São Paulo: Blucher, 2015

MENON, O. P. da S. 'A gente': um processo de gramaticalização. In: **Estudos Lingüísticos**, XXV. Taubaté, n. 25, 1996, p. 622-628.

MENON, Odete et al. Alternância nós/ a gente nos quadrinhos: análise em tempo real. In: RONCARATI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara. (org.). **Português brasileiro: contato lingüístico, heterogeneidade e história**. Rio de Janeiro: 7Letras, p. 96-105, 2003.

MENON, Odete Pereira da Silva. A gente, eu, nós: sintomas de uma mudança em curso no português do Brasil? **Anais do ELFE**. Maceió: UFAL: 1995, p. 397-403.

MENON, Odete Pereira da Silva. A gente: um processo de gramaticalização. In: Estudos lingüísticos. **XXV Anais dos Seminários do GEL**. Taubaté: UNITAU, p. 622-628, 1996.

MOLLIKA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. (org.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Editora Contexto, 2004.

MUFWENE, S. S. **The ecology of language evolution**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

NASCIMENTO, Carina Sampaio. **Nós e A gente em Salvador**: confronto entre duas décadas. 2013. 128f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura do Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

NEVES, M. H. M. **Gramática de usos do português**. 2. ed. atualizada. São Paulo: Ed. UNESP, 2000
OMENA, N. P. A referência à primeira pessoa do discurso no plural. In: OLIVEIRA E SILVA, G. M.; SCHERRE, Maria Marta P. (orgs.) **Padrões sociolingüísticos: estudos de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998, 2ª ed. p.185-215.

OMENA, N. P. de. A referência à primeira pessoa do plural. In: SILVA, G. M. de O.; SCHERRE, M. M. P. (Orgs.). **Padrões Sociolingüísticos**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 185-215.

OMENA, N. P. e BRAGA, M. L. A gente está se gramaticalizando? In: MACEDO, A. T. ROCARATI, C. e MOLLICA, M. C. (org.) *Variação e discurso*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

OMENA, Nelise Pires de. (1986): "A referência variável da primeira pessoa do discurso no Plural", in: NARO, Anthony Julius *et alii*: **Relatório Final de Pesquisa: Projeto Subsídios do Projeto Censo à Educação**, Rio de Janeiro, UFRJ, 2:286-319.

OMENA, Nelise Pires de. A referência à primeira pessoa do plural. In: SILVA, Giselle Machline de Oliveira; SCHERRE, Maria Marta Pereira. (org.). **Padrões Sociolingüísticos**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 185-215.

OMENA, Nelise Pires de. A referência a primeira pessoa do plural: variação ou mudança? In: PAIVA, Maria da conceição; DUARTE, Maria Eugenia Lamglia (Orgs.). **Mudança Linguística em tempo real**. Rio de Janeiro: Contracapa, 2003.

PACHECO, C. S. Alternância nós e a gente no Português Brasileiro e no Português Uruguaio na fronteira Brasil-Uruguai (Aceguá). 2014. 311f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Letras da Universidade de Brasília, Brasília, 2014. Disponível em: <
<http://repositorio.unb.br/handle/10482/17791>>. Acesso em: 18 abril 2018.

PERINI, M. A. **Gramática do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de lingüística geral**. Organização de Charles Bally e Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riedlinger. Trad. de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blickstein. 24ª ed. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2002.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; NARO, Anthony Julius. Análise quantitativa e tópicos de interpretação do Varbrul. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. (org.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2004. p. 147-178.

SILVA, I. da. (2004). **De quem nós/ a gente está (mos) falando agora?**: uma investigação sincrônica da variação entre nós e a gente como estratégias de designação referencial. Dissertação de Mestrado em Linguística. Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis, 2004. 149 p.

SOUZA, Adriana dos Santos; BOTASSINI, Jacqueline Ortelan Maia. A variação no uso dos pronomes-sujeito nós e a gente. SILEL. **Anais [...]**. Uberlândia: EDUFU, v. 1, 2009. Disponível em:
http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/wp-content/uploads/2014/04/silel2009_gt_lg06_artigo_4.pdf. Acesso em: 14 jul. 2021.

SOUZA, Maria Helena Menezes. **A variação nós e a gente na posição de sujeito na comunidade quilombola Serra das Viúvas/Água Branca - AL.** 2020. 93 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Programa de Pós Graduação em Linguística e Literatura, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2020.

TAMANINE, A. **A alternância nós/ a gente no interior de Santa Catarina.** (Dissertação de mestrado). UFPR: Curitiba, 2002. 120 p. Disponível em <
<http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/bitstream/handle/1884/24549/D%20-%20TAMANINE,%20ANDREA%20MARISTELA%20BAUER.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 16, out. 2021.

TAVARES. Nilceu Romi Kerecz. **A variação pronominal nós e a gente nos telejornais nacionais da Rede Globo.** 2014. 131 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em linguística, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014. Disponível em:
<<http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/bitstream/handle/1884/37024/R%20-%20D%20-%20NILCEU%20ROMI%20KERECZ%20TAVARES.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 24 maio 2021.

VIANNA, Juliana Barbosa de Segadas. **A concordância de nós e a gente em estruturas predicativas na fala e na escrita carioca.** 2006. 130f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) - Programa de Pós-Graduação em Língua Portuguesa, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

VITÓRIO, E. **A variação nós e a gente na posição de sujeito na fala de crianças da cidade de Maceió/AL.** Revista (Con)Textos Linguísticos, v. 9, n.14, p. 126-141, 2015.

WEINREICH, Uriel; LABOV, Willian; HERZOG, Marvin. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística.** Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].

ZILLES, A. M. S. **The development of a new pronoun: the linguistic and social embedding of a gente in Brazilian Portuguese.** *Language Variation and Change*, v. 17, n. 1, 2005. p. 19-53.